

A Arte de Grammatica de Pedro Sánchez

1. Considerações iniciais¹

Na Península Ibérica, o final do século XVI constitui um momento de transformação no que se refere à estrutura e aos conteúdos das Artes latinas dominantes nos centros de ensino. Referimo-nos concretamente às *Introductiones latinae* (Salamanca 1481) de Antonio de Nebrija e aos *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) do jesuíta Manuel Álvares. No que à gramática latina de Antonio de Nebrija diz respeito, as profundas alterações a que se viu submetida são o resultado, como é bem conhecido², da complexa polémica que

¹ Tradução e adaptação de: PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006): “De pasiones gramaticales: en torno a las *Obieções contra esta Grammatica, & respostas a ellas* de Amaro de Roboredo”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3: 61-63.

² A bibliografia sobre o tema é abundante; remetemos para os seguintes estudos pioneiros, publicados na primeira metade do século XX: RODRÍGUEZ ANICETO, Cipriano (1931): “Reforma del arte de Antonio de Lebrija”. In: *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo. Número extraordinario en Homenaje a D. Miguel Artigas*: 226-245; ASÍS Y GONZÁLEZ, Eugenio Agustín de (1935): “Nebrija y la crítica contemporánea de su obra”. In: *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo*, XVII: 30-45; OLMEDO, Félix G. (1942): *Nebrija (1441-1522). Debelador de la barbarie. Comentador eclesiástico. Pedagogo. Poeta*. Madrid: Editora Nacional. Recentemente, Gil Fernández fez uma exposição pormenorizada sobre esta polémica: GIL FERNÁNDEZ, Luis (1972): *Panorama social del humanismo español (1500-1800)*. Madrid: Tecnos.

durante décadas se viveu nas Universidades espanholas, no sentido de reformar as *Introductiones latinae* ou de elaborar um novo manual. As autoridades régias optaram pela reforma de Antonio, trabalho que foi incumbido ao jesuíta Juan Luis de la Cerda e que culmina com a publicação dos *De institutione grammatica libri quinque* (Antequera 1601). O processo de redacção desta *recognitio* não está isento de problemas, na medida em que, três anos antes, se dera à estampa uma primeira versão intitulada *Institutio grammatica* (Madrid 1598), sobre cujo autor não há acordo entre os investigadores³. O certo é que, desde um ponto de vista doutrinal, ambas as versões divergem, tal como recentemente demonstrou Sánchez Salor, que analisou pormenorizadamente o conteúdo de cada uma delas (cf. Sánchez Salor 2002^a: 470-489), elucidando as marcas da doutrina racionalista de Francisco Sánchez de las Brozas na reforma de 1601⁴. Contudo, em qualquer caso, tanto na reforma de 1598 como na de 1601, podem delimitar-se três características que as diferenciam da Arte objecto de revisão, a saber: **i)** a refundição ou a omissão – com a consequente redução da obra – da matéria contida nas glosas que aprisionavam, na *recognitio* nebrisense, os preceitos gramaticais; **ii)** a tradução em Castelhana de

³ Eustaquio Sánchez Salor defende que as duas versões foram obra de diferentes autores: em concreto, afirma que a *Institutio grammatica* não foi redigida por Juan Luís de la Cerda [cfr. SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio (2002): “La reforma del Arte de Nebrija”: In: *Humanismo y pervivencia del mundo clásico. Homenaje al profesor Antonio Fontán* (eds. Jose María Maestre Maestre, Joaquín Pascual Barea y Luis Charlo Brea), Vol. II: Alcañiz: Instituto de Estudios Humanísticos; Madrid: Ediciones del Laberinto/Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Cádiz: Universidad, Servicio de Publicaciones; Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones; Zaragoza: Universidad, Servicio de Publicaciones; Teruel: Instituto de Estudios Turolenses: 469-497]. Da mesma opinião parece ser também Juan María Gómez Gómez, que, recentemente, realizou um trabalho sobre esta matéria [cfr. GÓMEZ GÓMEZ, Juan María (2006): “Más diferencias entre la reforma de las *Introductiones* de Nebrija de 1598 y la del Padre De la Cerda”. In: *IV Congreso Internacional de Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico* (no prelo)].

⁴ “Una buena parte de la doctrina recogida en Notas por Juan Luis de la Cerda es doctrina sanctiana: la doctrina de los comparativos y superlativos; la doctrina sobre las clases de verbos; sobre los verbos neutros; y más, en la que no vamos a insistir” (SÁNCHEZ SALOR 2002: 487). Também sobre esta questão cf. RAMAJO CAÑO, Antonio (1991): “La huella del Brocense en el “Arte” del P. La Cerda (1560-1643)”. In: *Revista Española de Lingüística*, 21: 301-321.

grande parte das regras gramaticais; **iii**) e a introdução de propostas doutrinárias inexistentes nas *Introductiones in latinam grammaticen*.

No que concerne à gramática de Manuel Álvares, cabe perguntarmo-nos sobre o grau de semelhança entre o *Antonio reformado* e o processo que culmina com a revisão daquela ao cuidado do também jesuíta António Velez, que saiu à luz na cidade de Évora em 1599⁵; ou, por outras palavras, parece oportuno dilucidar se se cumprem, na reforma do P.^e Velez, as três características que se acabam de mencionar. Com efeito, não parece haver convergência entre ambas as *recognitiones*. No que se refere à primeira questão, António Velez não só não reduz os comentários sobre a preceptiva gramatical, como também acrescenta outros da sua autoria. Sem considerar o apêndice lexicográfico que o jesuíta introduz no final de edição, a matéria gramatical estende-se ao longo de 740 páginas. Convém recordar que a primeira edição dos *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) – “cum explicationibus” – conta de 243 fólhos. Quanto ao critério do uso do vernáculo nos preceitos gramaticais, pode afirmar-se que António Velez não aprofunda no emprego do Português, porquanto se limita a apresentar a tradução das autoridades – para, no apartado dedicado à conjugação verbal, ilustrar o uso dos modos –, assim como a verter as formas latinas dos paradigmas verbais. Quanto ao resto, ora as regras gramaticais, ora as glosas permanecem na língua latina. Por último, relativamente à presença de doutrina não registada nas edições em vida de Manuel Álvares, ainda que não se disponha de estudos pormenorizados e concludentes sobre as fontes da *recognitio uellesiana*, se bem que já começam a ser publicados trabalhos sobre os diferentes aspectos teóricos desta⁶, pode afirmar-se que não

⁵ O título completo é o seguinte: *Emanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres, Antonii Vellesii ex eadem Societate Iesu in Eborensi Academia praefecti studiorum opera aucti et illustrati*.

⁶ Cf. IKEN, Sebastião (2002): “*Index totius artis (1599-1755): algumas reflexões sobre o índice lexicográfico latino-português da gramática de Manuel Álvares elaborado por António Velez*”. In: *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas* (eds. Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Priess y Axel Schönberger). Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea: 53-83. Sobre a projecção de certos aspectos linguísticos da reforma do P.^e Velez em textos metagramaticais portugueses do século XVII, cfr. PONCE DE LEÓN 2006^b e PONCE DE LEÓN 2006^d.

se registam os princípios racionalistas que sobre o sistema da língua defendia o Brocense.

Em consequência, pode deduzir-se que, em Portugal, diferentemente do que acontecia no país vizinho, prevaleceu, até ao final do século XVI, a gramática normativa como modelo de ensino da língua latina.

2. Pedro Sánchez e a *Arte de Grammatica*⁷

Pedro Sánchez, a quem Barbosa Machado adicionou o apelido “de Paredes” (Machado 1752: 616), era sobrinho de Rodrigo Sánchez, capelão da rainha D. Catarina, esposa de D. João III, e mestre de Latim de sua filha, a infanta D. Maria – futura esposa do rei Filipe I de Portugal e II de Espanha –, e prior de Óbidos, com quem terá vivido e por quem terá sido educado⁸, era bacharel em Teologia, organista e compositor de músicas religiosas, professor dos rudimentos de Latim, beneficiado na igreja de Santa Maria de Óbidos, tendo falecido a 13 de Abril de 1635, em Lisboa, em casa de um primo, Pedro Sánchez Farinha. Também era parente próximo⁹ de Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600), que viera para Portugal com os tios Pedro e Rodrigo Sánchez, no séquito da rainha D. Catarina, e cá permaneceu dos onze aos vinte anos (entre 1534 e 1543), tendo estudado Humanidades em Évora (1534-1537) e em Lisboa (1537-1543).

⁷ Adaptação de: FERNANDES, Gonçalo (2002): “A primeira gramática latina escrita em Português”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 6, Fasc. 1-2. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga: 481-495.

⁸ “Foy educado com virtuosos documentos por seu Tio Rodrigo Sanches, Prior da Igreja de Santa Maria de Obidos do Patriarchado de Lisboa, onde foy beneficiado” (MACHADO 1752: 616).

⁹ Costa Ramalho defende que não pode ser primo em primeiro grau, mas com um parentesco mais afastado, por causa do sintagma “auito iunctus sanguine” – “teu parente pelo sangue de antepassados” – (RAMALHO 1980: 239) da carta que Pedro Sánchez (irmão de Rodrigo Sánchez) escreveu a seu filho Luís Sánchez, que então estudava no Colégio das Artes, em Coimbra. Por outro lado, Pedro Sánchez afirma, na dedicatória, que “...Francisci Sanctii Brocensis, consanguinei mei” – “...nascido do mesmo sangue”...

Pedro Sánchez publicou em 1610 – em pleno domínio dos *De Institutione Grammatica libri tres* de Manuel Álvares (Lisboa 1572) e do método jesuítico de ensino do Latim – a primeira gramática latina redigida em Português¹⁰ intitulada *Arte de Grammatica, pera em breve saber Latim: composta em lingoagem, e verso Portugues. Com hum breve vocabulario no cabo, e algũas phrases latinas*. Trata-se de uma gramática latina de formato in 8º – mede 13,5 cm de comprimento por 8 cm de largura –, e é constituída por: oito folhas (16 páginas) de rosto, de autorizações da publicação, do alvará régio, da dedicatória a D. João Gonçalves de Ataíde e de um “prólogo” ao leitor; cento e uma folhas (202 páginas) de gramática latina; e cinquenta e uma (102 páginas) de um (breve) dicionário latino-português, composto fundamentalmente pelas palavras que utilizou na gramática.

Podemos considerar a *Arte de Grammatica* de Pedro Sánchez como uma gramática escolar básica, pois destinava-se aos estudantes dos primeiros anos de latinidade, apresentando apenas as regras principais da morfologia, sintaxe, métrica e estilística latinas, ou, como o autor refere,

ajuntey os preceitos, & regras de grãmatica q̃me parecerão mais necessarios em verso, & lingua vulgar pera mais claridade, & firmeza da memoria, cõ os exẽplos em Latim. Não procurey buscar no verso muitos consoantes, porq̃ como eu pretenda dar breves regras, & claras; forçadamente o accarreto de consoantes, as farião prolixas, & escuras (SÁNCHEZ 1610: V v.-VI r.).

Com efeito, Pedro Sánchez pensava ser necessário compendiar apenas os conhecimentos mais importantes em todas as ciências – e não apenas no Latim –, para motivar os estudantes, “convidãdo a todos a apprendão” (*Ibidem*: V v.), porque, assim como nas mais diversas disciplinas e, em especial, no Latim,

a multidão de preceytos, & regras os espãta, & faz perder as esperãças de alcançar aquillo q̃ os homens naturalmente desejão (*Ibidem*).

¹⁰ O próprio autor também parecia desconhecer qualquer outra gramática latina em Português, pois “non me latet viros aliquos doctissimos hanc instituisse viam; quorum tamen vulgares institutiones nullas adhuc ipse vidi” (SÁNCHEZ 1610: IV r.) – “Não se me oculta que certos varões doutíssimos tenham iniciado este caminho; contudo, até agora não vi deles nenhum manual em vernáculo” –.

Não é crível, contudo, que, apesar de se tratar de uma gramática com um método expositivo tão diferente do tradicional e de utilizar o Português como metalíngua – ou talvez por isso mesmo –, a *Arte de Grammatica* de Pedro Sánchez tenha obtido sucesso entre os mestres portugueses, uma vez que a sua tiragem parece ter sido diminuta e apenas Amaro de Roboredo, em 1615, afirma conhecer a sua obra (cfr. Fernandes, Ponce de León e Assunção 2007: XIII-XIV).

3. Concepções Linguístico-Didáticas de Pedro Sánchez

3.1. Didáctica do Latim

Pedro Sánchez foi um pioneiro na didáctica das línguas, em geral, e do Latim, em particular, e preferia ser criticado por ser sintético e faltarem conteúdos à sua *Arte de Grammatica*, na sua perspectiva, acessórios, porque,

ainda ã aqui não estem todas, bastão estas pera o entendimento ordinario da lingua Latina: porã o perfeito entendimento della ha muyto poucos ã o alcancem, senão for por longo estudo, & curiosa observancia de phrases, e formulas, ã a Arte difficultosamente pode dar (*Ibidem*: VI r.).

A gramática deve, deste modo, proporcionar aos seus leitores a compreensão dos princípios básicos da língua, porque,

assi tanto que o discipulo souber declinar, & conjugar, Rudimenta, & a Syntaxi pequena, logo serà bem começar pellas Epistolas Familiares de Cicero, ê porellas pedirhe conta da grãmatica, segundo as regras que tem passado, & fazer orações de bocca, & por escrito (*Ibidem*: VI v.).

Tendo em consideração o público-alvo da gramática, também pareceu necessário ao seu autor apresentar os conteúdos de modo esquemático e mnemónico, ou seja, Pedro Sánchez usa várias estratégias metodológicas, entre as quais, como ele referiu no título da obra, a exposição de regras em verso (“*composta em lingoagem, e verso portugues*”). Apenas a título de exemplo, Pedro Sánchez, ao referir as partes do discurso (*partes orationis*), no capítulo *Dos Rudimentos*, fá-lo

numa septilha, com versos, maioritariamente, em redondilha maior e rima emparelhada, interpolada e interna:

*As Partes da oração,
Oyto são: Nomen, Pronomen,
Verbum, Participium,
Praepositio, Adverbium,
Interjectio, Coniunctio,
Estas quatro derradeyras
Sem declinar ficarão (Ibidem: 32 v.).*

Também na *Brevis Syntaxis*, por exemplo, apresenta a seguinte quadra:

*Adjectivo, & substantivo
Em tres cousas convirám
Genero, Numero, & Caso,
Estas tres cousas serám (Ibidem: 37 r.).*

Para Pedro Sánchez, contudo, uma coisa é a língua que os gramáticos ensinam e outra, diametralmente oposta, é a língua veiculada pelos escritores.

Nem todo o Latim, que segundo as regras de grammati[c]os se falla, he verdadeiro Latim (*Ibidem*: VII r.).

Com efeito, para o gramático seiscentista, citando Quintiliano (séc. I d.C.), “aliud est Grammaticae, aliud Latine loqui” (*Ibidem*), pois certas frases estão gramaticalmente correctas, mas estilisticamente não “se dizem em bom Latim” (*Ibidem*). E apresenta os seguintes exemplos a corroborar a sua tese: “Ego amo Deum. Dico quod hoc facere teneris. Tu videris bonus homo” (*Ibidem*). Por isso, Pedro Sánchez defende, como já o fizera o seu primo Brocense, que o Latim não deve ser falado, pois

o que importa mais he entêdello, e escrevello per imitação, como fizeram homens doctissimos de nossos tempos, q̃ nunca, ou de maravilha o fallavão (*Ibidem*).

Nesta citação, e dentro de um espírito, ainda, marcadamente humanista, Pedro Sánchez parece não considerar o Latim como uma língua

franca, de comunicação internacional, mas apenas uma língua cultural, que podia ser entendida para transmitir os valores filosóficos, históricos, artísticos, enfim, todo o saber cultural idiossincrásico de uma civilização antiga, como a latina.

Efectivamente, o parente do Brocense defendia que a finalidade fundamental duma gramática da língua latina devia ser puramente técnica e prática, isto é, devia “apenas” proporcionar o entendimento essencial dessa língua e não a sua escrita e/ou a sua fala, de modo a permitir conhecer “unicamente” o seu funcionamento. E, conhecendo as regras do Latim, seria possível ter acesso aos melhores escritores e ser-se capaz de os ler e apreciar o seu estilo. Só nessa fase é que se devia/podia procurar imitar os melhores oradores, historiadores e poetas latinos e, assim, começar a escrever e a falar a língua de Cícero, Tito Lívio e Vergílio:

Inda que a arte mais he pera o entendimêto do Latim que se acha nos bõs authores, que não pera o escrever, nem fallar: porque pella imitação dos Oradores, Hy Storiadores, & Poetas se escreve, & falla melhor a lingoa Latina, ã pellas regras de Arte (*Ibidem*: VI v.-VII r.),

pois

ja o fallar Latim de repête he muyto perjudicial (*Ibidem*: VII r.).

Infere-se, deste modo, que, para Pedro Sánchez, uma gramática latina – e, por consequência, as aulas dessa língua – não devia ser apresentada em Latim, mas na língua materna do estudante:

Erro grande he cuydar, que as regras de Grãmatica se ensinarão melhor em Latim ã na lingoa propria sua: donde vemos que pera melhor, & mais breve entendimento da lingoa Grega, se faz a Arte em Latim, pera quem ja o sabe, cõ os exemplos em Grego: & se tudo fosse Grego, seria nunca acabar. Nem basta dizer, que pois o discipulo ha de saber Latim, que bom serà logo começar a entendello pellas regras da Arte (*Ibidem*: VI r.-VI v.).

Pedro Sánchez foi assim coerente ao apresentar a sua gramática na língua portuguesa, ao contrário de alguns antecessores seus que defendiam os mesmos princípios teórico-metodológicos, pois foi o primeiro, em Portugal, a fazê-lo. O seu primo Francisco Sánchez de las Brozas,

por exemplo, também defendia o mesmo princípio, mas escreveu a sua obra principal em Latim, quer a edição de 1562 quer a de 1587, ainda que não leccionasse na língua de Cícero nem gostasse de ouvir os outros a falar em Latim, porque perpetravam muitos erros e ele amava demasiado o Latim para admitir a sua constante “corrupção”.

3.2. Conteúdos Linguísticos

Pedro Sánchez, apesar de apresentar algumas alterações significativas¹¹, que explicita “ao Lector”, segue maioritariamente a gramática latina do jesuíta Manuel Álvares:

Em quasi toda a Arte sigo ao Padre Manuel Alvarez, por me parecer boa ordẽ a da sua, ajudandome tambẽ do novo acrescentamento (*Ibidem*: VI r.).

Na maior parte das vezes, Pedro Sánchez apenas se limita a traduzir a gramática alvaresiana¹² e também adopta a sua estrutura: “declinaçam dos nomes” (*Ibidem*: 1 r.-5 v.), “declinação (*sic*) dos pronomes” (*Ibidem*: 5 v.-9 r.), “conjugaçam dos verbos” (*Ibidem*: 9 v.-27 r.), “conjugação (*sic*) dos verbos anómalos” (*Ibidem*: 27 v.-29 v.), “conjugação dos verbos defectivos” (*Ibidem*: 29 v.-31 r.), “conjugação dos verbos impessoais” (*Ibidem*: 31 r.-31 v.), “dos verbos anómalos” (*Ibidem*: 31 v.-32 r.), “dos rudimentos” (*Ibidem*: 32 v.-37 r.), “da sintaxi pequena” (*Ibidem*: 37 r.-39 v.), “do genero dos nomes” (*Ibidem*: 39 v.-49 v.), “dos

¹¹ Cfr. *infra*, apartado 4 deste estudo.

¹² Apesar de nunca o explicitar, a razão por que Pedro Sánchez, conhecendo bem a gramática do seu parente, Francisco Sánchez de las Brozas, não se baseia, de forma geral, nela é, a nosso ver, porque se tratava de uma gramática de ruptura e demasiado inovadora – ainda hoje – e se destinava a uma população universitária, ao passo que esta estava vocacionada para um público mais novo, preferencialmente os principiantes no estudo do Latim, e, portanto, não devia discutir as causas, razões e fundamentações da própria gramática nem dos conceitos linguísticos. Por isso, também nos parece coerente que Pedro Sánchez se tivesse orientado, na sua exposição, pela gramática de Manuel Álvares, pois, tendo já esta uma grande repercussão, nacional e internacionalmente, era mais útil para os estudantes aprender “o mesmo Latim”, sem grandes discrepâncias teórico-metodológicas, podendo mais tarde os estudantes de humanidades aproveitarem-se disso, desenvolvendo apenas os conhecimentos, sem lhes causar quaisquer distúrbios psicológico-intelectuais.

preteritos e supinos” (*Ibidem*: 49 v.-62 v.), “da sintaxi das oytto partes” (*Ibidem*: 63 r.-84 r.), “da quantidade das syllabas” (*Ibidem*: 84 v.-91 r.), “do incremento do nome” (*Ibidem*: 91 v.-94 v.), “do incremento dos verbos” (*Ibidem*: 94 v.-96 r.), “das ultimas syllabas” (*Ibidem*: 96 r.-101 r.) e “das figuras no verso” (*Ibidem*: 101 r.-101 v.). Por último, mas já diferente de Álvares, Pedro Sánchez apresenta um breve dicionário latino-português, que intitula “omnium fere dictionum, quae his continentur institutionibus, explanatio: adjectis aliquot Latini Sermonis phrasibus” (*Ibidem*: 102 r.-153 v.), terminando com uma breve reflexão sobre o mesmo (*Ibidem*: 153 v.-154 v.), onde justifica a inclusão de algumas entradas diferentes do vocabulário que consta na gramática:

ainda que este vocabulario principalmente se fez pera declarar as dicções Latinas que vão nesta arte com tudo pareceome bem accrecentarlhe outras mais, com algũas phrases, em seus lugares, pera o entendimento dos vocabulos mais ordinarios que occorrem no Latim (*Ibidem*: 153 v.),

e demonstra a capacidade da língua latina em sofrer “composição”, apresentando alguns valores para os prefixos (“compostos de”) *in-* e *re-*, concluindo que

pera entender de raiz o Latim he necessario saber derivar, & tirar as origens (*Ibidem*: 154 v.).

O beneficiado de Óbidos assumiu, assim, a sua dependência “ideológica” à gramática latina jesuítica, mas também divergiu quando entendeu necessário. Para Pedro Sánchez, uma gramática deve reflectir o mais possível as realidades linguísticas dos *corpora* estudados e não “perder tempo” com as ocorrências menores ou excepcionais, porque causarão inevitavelmente a dispersão dos estudantes e, conseqüentemente, mesmo os melhores alunos não assimilarão todo o conhecimento essencial. Por isso, Pedro Sánchez optou por expurgar a sua gramática

principalmente de nomes exquisitos, & que poucas vezes occorrem (*Ibidem*: VII v.),

porque

se quisermos especular, sempre acharemos nomes novos pera accrecentar, & quanto mais se accrecenta na arte, tanto menos fica na memoria, ainda dos estudantes diligentes, como vemos por experiencia (*Ibidem*: VII v. - VIII r.).

Por isso, o parente do Brocense procedeu a algumas alterações à gramática latina de Manuel Álvares, principalmente no respeitante às formas verbais, ou, como ele escreveu:

Nas conjugações mudey, tirey, & accrecentey algũas lingoagês (*Ibidem*: VII r.);

Dos modos (que fora melhor não pòr algum¹³) tirey o Optativo; acrecentando em seu lugar hum segundo imperfeito no conjunctivo: porque na verdade esta particula *Vtinam*, que significa ò *si*, mais parece ser interjeção, & cõjunção juntamente, do que parece adverbio (...). Nos preteritos me estendi mais que no genero, por serem mais necessarios: porque o genero não importa tanto saberse (*Ibidem*: VII v.).

Na última página da “introdução”, Pedro Sánchez sintetiza o número das declinações latinas, dos casos, dos números e dos géneros. Com efeito, para o beneficiado de Óbidos, as declinações da língua latina são cinco:

A primeira faz no Genitivo do singular em *ae*; *ut Musa, musae*. A segunda em *i*; *ut Dominus, domini*. A terceira em *is*; *ut Sermo, sermonis*. A quarta em *us*; *ut Sensus, sensus*. A quinta em *ei*; *ut Dies, diei* (*Ibidem*: VIII v.).

Os casos são os seis habituais: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo. Os números, dois: singular e plural. E os géneros, três: masculino, feminino e neutro (*Ibidem*: VIII v.).

¹³ Neste ponto específico, há uma aproximação ao Brocense, que defendia a inexistência dos modos e, por isso, classificava os tempos numericamente. Veja-se, por exemplo, o capítulo VII de Sánchez de las Brozas, Francisco (1562): *Minerva seu de Latinae linguae causis et elegantia*. Lugduni; e o capítulo XIII do Livro I de Sánchez de las Brozas, Francisco (1587): *Minerva seu de causis linguae Latinae*. Salmanticae: Apud Ioannem, et Andream Renaut, Fratres.

3.2.1. Partes do Discurso

Para Pedro Sánchez, na senda de Álvares, a gramática “he arte de bem fallar, & escrever, cujo fim he a Oração concertada” (*Ibidem*: 32 v.). Esta consta de palavras denominadas, tradicionalmente, *partes orationis*, “as palavras de syllabas, as syllabas de letras” (*Ibidem*). Como para Manuel Álvares, as partes do discurso latinas são oito, também para o gramático de Óbidos: nome, pronome, verbo, particípio, advérbio, preposição, conjunção e interjeição, sendo as quatro primeiras declináveis e as últimas quatro indeclináveis (*Ibidem*).

3.2.1.1. O Nome

O nome é a “*parte da oração que tem numeros, & casos sem tempo*” (*Ibidem*: 33 r.). Pedro Sánchez divide a classe nominal em nove espécies: nome próprio, o que “*significa cousa certa, & propria*” (*Ibidem*), nome apelativo, “*o que diz cousas incertas*” (*Ibidem*), nome colectivo, “*que em numero singular, significa multitudam*” (*Ibidem*), nome substantivo, aquele que “*pode estar sò per si na oraçam*” (*Ibidem*), nome adjectivo, o que “*nam pode estar só (sic) sem substantivo clara, ou escondidamente*” (*Ibidem*), nome relativo, “*o que nos torna à memoria o passado antecedente: ut Amplector Ciceronem, qui antecedit caeteros*” (*Ibidem*: 33 v.), nome partitivo, o “*que significa hũa sò cousa entre muytas, ou muytas particulares*” (*Ibidem*), nome numeral, aquele que “*denota conta*” e “*numero significa*” (*Ibidem*), nome positivo, que “*simplesmente declara a cousa que significa*” (*Ibidem*: 34 r.), nome comparativo, que “*levanta, ou abayxa, a cousa significada*” (*Ibidem*), e nome superlativo, aquele que “*porà a cousa em lugar muy alto, ou em lugar muyto bayxo*” (*Ibidem*).

Pedro Sánchez usa os mesmos paradigmas nominais que Manuel Álvares. Com efeito, para a primeira declinação, *musa*, -ae; para a segunda, *dominus*, -i e *templum*, -i; para a terceira, *sermo*, -onis e *tempus*, -oris; para a quarta, *sensus*, -us e *genu*, -u; e para a quinta, *dies*, -ei. Os paradigmas dos (nomes) adjectivos também se mantêm: *bonus*, -a, um; *acer*, *acris*, *acre*, *brevis*, -e; e, para os (nomes) comparativos, usou o paradigma *brevior*, *brevius*, terminado este capítulo com

a declinação de alguns nomes anómalos, como *domus*, *-i* (ou *-us*), *duo*, *duae*, *duo*, e *ambo*, *ambae*, *ambo*. Na “Brevis Syntaxis” refere a concordância entre adjectivo e substantivo em género, número e caso: “Adjectivo, & substantivo / Em tres cousas conviràm, / Generò, Numero, & Caso, / Estas tres cousas seràm” (*Ibidem*: 37 r.).

3.2.1.2. O Pronome

O pronome “*he a segunda parte [da oração] que posto em lugar do nome denota certa pessoa: ut ego, tu, & os demais*” (*Ibidem*: 34 v.). Apesar de esta definição ser suficientemente ampla e poder englobar diferentes tipos/espécies de pronomes, Pedro Sánchez não apresenta quaisquer subdivisões, excepto no respeitante ao “*pronome relativo*” (*Ibidem*: 8 r.), que, em outro momento havia integrado na classe dos nomes (*Ibidem*: 33 v.), e o “*Pronome Quis, pera perguntar*” (*Ibidem*: 8 r.). Assim, os paradigmas utilizados são os seguintes: *ego, nos, tu, vos, sui, hic, haec, hoc, iste, ista, istud, ille, illa, illud, ipse, ipsa, ipsum, is, ea, id, idem, eadem, idem, meus, mea, meum, nostras, nostratis e vestras, vestratis*. Quanto ao pronome relativo, o gramático de Óbidos apresenta a declinação de *qui, quae, quod* e enumera alguns compostos: *quicumque, quidam, quilibet, quivis, unusquisque* e *ecquisnam*. Na “Brevis Syntaxis” refere que o relativo concorda com o seu antecedente em género e número (*Ibidem*: 37 v.); relativamente ao interrogativo / “*pera perguntar*”, Pedro Sánchez apresenta a declinação de “*quis, vel qui, quae, quod, vel quid*” e alguns seus compostos, quer como prefixos, como *quisnam, quispiam, quisquam, quisque* e *quisquis*, quer como sufixos, como *aliquis, ecquis, nüquis, nequis* e *siquis*. Na *Sintaxe*, também refere os pronomes recíprocos “*sui*” e “*suus, -a, -um*”:

*Pronomes ha relativos
Que recipros seram,
Sui, & Suus, sua, suum:
Dos quais avemos de usar
Quando a Terceira pessoa
Sobre si ha de tornar;
Ou em cousa propria sua (Ibidem: 80 v.).*

3.2.1.3. O Verbo

Pedro Sánchez define o verbo como a “*parte da oraçam que tem modos, & tẽ tẽpos, pessoal, & impessoal*” (*Ibidem*: 35 r.). O pessoal é aquele que “*tem pessoas todas d’ambos numeros*” (*Ibidem*) e o impessoal “*nam tem mais que sò a terceyra pessoa do numero singular; como, Paenitet, Pugnatur*” (*Ibidem*). No entanto, Pedro Sánchez ainda acrescenta uma subdivisão do pessoal em cinco espécies, como Álvares: activo, passivo, neutro, comum e depoente. O “*Activo acaba em O, e forma de si o passivo, pondolhe hũa letra R*” (*Ibidem*). “*O Neutro se acaba em M, ou O, sem formar de si Passivo: como Sum, Sto*” (*Ibidem*). O Comum “*se acaba em Or, com significar activa, e juntamente passiva (...), principalmente no Participio do praeterito, Experior, Complector, Expertus sum, Complexus sum, vel fui*. Porque o presente, & o Imperfeyto, & os que dahi nadem quasi sempre significam acçam” (*Ibidem*: 35 v.). Por último, o depoente é aquele que “*acaba em Or, & tem sòmente a significação activa: ut Vtor*” (*Ibidem*).

O Beneficiado de Óbidos apresenta os seguintes modos do verbo *sum*: Indicativo, composto pelos tempos presente (“*praesens*”), pretérito imperfeito (“*praeteritum imperfectum*”), pretérito perfeito (“*praeteritum perfectum*”), pretérito mais que perfeito (“*praeteritum plusquam perfectum*”) e futuro (“*futurum*”), Imperativo, apenas composto pelo presente e futuro (10 r.-10 v.), Conjuntivo, com os mesmos tempos que o Indicativo, mas acrescido do segundo pretérito imperfeito (“*secundum Praeteritum Imperfectum*”), mas com a mesma forma do “primeiro”, *essem*, e Infinitivo, com apenas três tempos verbais: presente (“*esse*”), pretérito perfeito e mais que perfeito (“*fuisse*”) e futuro (“*fore*” ou “*futurum (-os) esse*”).

Quanto às conjugações do verbo pessoal, Pedro Sánchez divide o verbo latino em quatro grupos, correspondendo cada um a uma conjugação. Assim, o paradigma da primeira conjugação é o verbo *Amo*, na voz activa, e *Amor*, na passiva; da segunda, *doceo* e *doceor*; da terceira, *lego* e *legor*; e da quarta, *audio* e *audior*. Como paradigma dos verbos depoentes, apresenta *utor*, e dos verbos comuns (semi-depoentes), *dimetior*. Por último, conjuga alguns verbos anómalos, *possum*, *fero*, *volo*, *nolo*, *malo*, *fio* e *eo*, e defectivos, *memini*, *novi*, *odi*

e *caepi*. Também apresenta algumas formas verbais dos verbos impessoais *Poenitet* e *Pugnatur*.

Um outro assunto interessante é, em nosso entender, a conclusão que o beneficiado de Óbidos apresenta no final do capítulo dedicado à morfologia, com uma síntese sobre a formação dos sufixos modotemporais, ensinando, assim, aos estudantes que, sem terem de memorizar todos os verbos, podiam formar os tempos a partir dos paradigmas apresentados. Com efeito, para Pedro Sánchez,

na formaçam dos verbos nam ha pera que cansar em mudar letras, & acrescentar syllabas: basta regular todos os verbos, pellos que estam postos por exemplo das quatro conjugações, advertindo bem as letras que cada verbo tem no presente do Indicativo, pera dahi se derivarẽ todos os modos, & tempos, tirando o praeterito perfeyto do Indicativo, & os que delle nacẽ, que sam o plusquam perfeito logo junto, & perfeyto do conjunctivo, plusquam perfecto, & futuro, & o perfecto do Infinitivo ð se acabam em Ram, Rim, Ro, Sem, se, ut Legeram, Legerim, Legero, Legissem, Legiste. O qual praeterito em muytos verbos muda a letra do presente, ut Fero, Tuli, Ago, Egi, Tollo, Sustuli, & c. Do Supino, se formam os participios em Vius, & os do praeterito passivo (*Ibidem*: 31 v. - 32 r.).

Por último, apresenta esquematicamente alguns sufixos pessoais quer da voz activa quer da passiva, ainda que essa perspectiva nem sempre esteja de acordo com os conhecimentos linguísticos adoptados actualmente, mas, em termos didácticos, foi, efectivamente, um precursor:

Mudanse na passiva.

Amas.	As	Aris, & are.
Doces.	Es	ère, & ère.
Legis.	Is	<i>Em</i> èris, & ère.
Audis.	Is <i>quarta</i>	Íris, & ire.
Amamus.	Vs	Vr.
Amabam.	M.	R.
Amatis. Amate.	Tis, & Te	mini.
Amatote	Tote	minor. (<i>Ibidem</i> : 32 r.).

Na *Brevis Syntaxis* refere que todo o verbo pessoal, que não estivesse em infinitivo, exigia anteriormente um nominativo, que con-

cordaria com o verbo em pessoa e número (*Ibidem*: 37 v.); se o verbo estivesse em infinitivo exigia antes um acusativo, como “Gaudeo te bene valere” (*Ibidem*). O verbo *sum, es, esse fui*, segundo o beneficiado de Óbidos, exige nominativo antes e depois de si (*Ibidem*). Um verbo activo regerá acusativo (*Ibidem*: 38 r.) e, na passiva, o verbo exige um ablativo, com a preposição *a* ou *ab* (*Ibidem*). No entanto, também refere que “a qualquer verbo se pode ajuntar o ablativo que denotar preço (...), ou for causa, ou instrumento” (*Ibidem*: 39 r.).

3.2.1.4. O Particípio

O particípio, apesar de integrar os paradigmas dos verbos, é considerado por Pedro Sánchez uma das oito partes (autónomas) da oração, por ser “*parte, de Verbo, & tambem de Nome, Porque tem tempos, & casos: velut, Amans, Amaturus*” (*Ibidem*: 35 v.). Ainda que, no “Dos Rudimentos”, não especifique os tempos, na “Conjugação dos Verbos” apresenta, na voz activa, o presente e imperfeito, como “amãs, amãtis. O ã ama, ou amava, ou amãdo” (*Ibidem*: 14 v.), e futuro, como “amaturus, a, um. O que ha, ou ouver de amar, pera amar” (*Ibidem*), e, na voz passiva, o pretérito, como “doctus, a, um. Couse ensinada” (*Ibidem*: 19 v.). Quanto à sintaxe do particípio, Pedro Sánchez defende que este tem o mesmo tratamento que o adjectivo, isto é, concorda em género, número e caso com o substantivo: “Debayxo do nome adjectivo se entẽdem tambẽ os participios, pois se declinaõ como nomes” (*Ibidem*: 37 r.), mas o particípio também rege os mesmos casos que o verbo donde provém:

Gerundios, & Participios

Tem os casos de seus verbos:

Velut Scribo literas,

Tempus est scribendi libros:

Eo scriptum literas:

Sum scripturus literas (*Ibidem*: 39 r.).

3.2.1.5. A Preposição

A preposição “*he hũa parte que se põe antes das outras: Hũas sam de accusativo, Outras de Ablativo sam*” (*Ibidem*: 36 r.). Pedro Sánchez

apresenta duas listas completas das preposições que regem acusativo e ablativo, havendo, no entanto, quatro preposições que podem reger os dois casos – “in, sub, super, & ainda subter” (*Ibidem*: 36 v.) –, mas em contextos linguísticos diferentes. Com efeito, por exemplo, a preposição

in, quando significa movimento, ou passagem rege accusativo (...) ou quando se toma por *Contra*. *Erga*, *Ad* (...). Quando significa quietação, ou fazer-se alguma coisa no mesmo lugar, quer ablativo (*Ibidem*: 81 r.).

No entanto, Pedro Sánchez também admite que haja preposições a reger genitivo, apresentando o caso de “*tenus*” com plural: “*ut Lumborum tenus*” (*Ibidem*: 36 v.). Quando, porém, a preposição estiver “anexada” ao verbo, este regerá o caso daquela:

Verbos compostos teram
Algũas vezes o caso
Da sua preposiçam:
Vt Adire Iudicem;
Et Adire ad Iudicem (*Ibidem*: 81 r.).

O beneficiado de Óbidos também reconhece que algumas vezes pode haver preposições que são pospostas, como “*versus*” e “*tenus*”, e, caso não rejam qualquer caso, então devem ser consideradas advérbios e não preposições (*Ibidem*: 81 v.).

3.2.1.6. O Advérbio

O advérbio é uma parte da oração que está para o verbo como o adjectivo para o substantivo, ainda que Sánchez não tenha separado estes dois e o tenha integrado numa classe conjunta: o nome. Assim, para o Beneficiado de Óbidos,

adverbio he como adjectivo
Do Verbo, è das outras partes
Que declara seu motivo:
Velut, Raro, loquitur,
Et bene iure peritus (*Ibidem*: 36 v.).

Pedro Sánchez também admite a regência do advérbio. Assim, há advérbios que regem nominativo ou acusativo, como “*en*” ou “*ecce*”,

genitivo, como “ergo” ou “satis”, genitivo ou acusativo, como “pridie” ou “postridie”, e ablativo ou acusativo, como “abhinc” (*Ibidem*: 82 r.). Apesar de o gramático de Óbidos não ter estabelecido nenhuma taxinomia adverbial, apresenta, na *sintaxe*, alguns “adverbios de perguntar” (*Ibidem*), como “ubi, unde, quo, qua, quorsum”, a que responde com outros, aos quais poderia classificar de lugar, mas não o fez. Assim, “*aa pergunta Vbi se tornam hic, istic, illic, ibidem, intus, foris, & outros mais*” (*Ibidem*); “*Ad Vnde responderam hinc, istinc, illinc (...), intus, foris, aliunde*” (*Ibidem*: 82 r. - 82 v.); “*Ad quo se responderá. Huc. Istuc, illuc, eodem, intro, foras, & quocumque*” (*Ibidem*: 82 v.); “*Ad Qua se reponderà hac, istac, illa, ad quorsum*” (*Ibidem*).

3.2.1.7. A Interjeição

A “*interjeyçam declara / Varias paixões de nossa alma / Vt ò, Pro dolor, Vae nobis*” (*Ibidem*: 37 r.). Esta pode reger nominativo, como “o, heu, pro”, ou dativo, como “hei, vae” (*Ibidem*: 82 v.). Pedro Sánchez não especifica mais nenhuma “paixão da nossa alma” nem quaisquer outras especificidades interjectivas.

3.2.1.8. A Conjunção

Por último, a conjunção “*ata, & ordena / A sentença na oraçam: / Vt, Atq;, Sed, Quoniam*” (*Ibidem*: 37 r.). A classificação destas é muito incipiente, apenas apresentando as copulativas e as disjuntivas: “*Conjunções copulativas sam as que ajũtam: ut ac, atq;, et. Disjuntivas sam as que apartam: ut aut, sive, vel*” (*Ibidem*: 83 v.). No entanto, Pedro Sánchez também refere que algumas conjunções se pospõem, como “*quidem, enim, quoque, autem, vero*”, e outras são enclíticas, como “*que, ne, ve*” (*Ibidem*). Interessante a nosso ver é o facto de Sánchez dizer ao aluno

*Foge da conjunção quod:
Pello que nunca diremos,
Videor mihi quod sum doctus,
Sed videor mihi esse doctus (Ibidem: 83 r. - 83 v.).*

3.2.2. A Sintaxe

Pedro Sánchez entende que a “construyçam que em grego se chama *Syntaxis*, he hũa composiçam, & concordia das partes da oraçam entre si” (*Ibidem*: 63 r.), e divide-a em Intransitiva, Transitiva e Figurada, como Álvares. Efectivamente, para o Beneficiado de Óbidos,

primeiramente se trata da construyçam das partes que tem depois de si caso semelhante ao que fica atras, a qual se chama intransitiva (*Ibidem*),

mas a

construyção das partes da oração, que pedem depois de si caso differênte do que fica atras, a qual se chama *Transitiva* (*Ibidem*: 65 r.).

Na primeira, *Sintaxe Intransitiva*, Pedro Sánchez acaba por repetir a maioria das regras que já tinha apresentado na “*Syntaxis Pequena*”, como, *vg*:

*Todo o verbo pessoal
Que nam for do Infinitivo,
Sempre quer antes de si
O caso Nominativo,
Claramente, ou escondido;
Que concordará co verbo
Em pessoa, & em numero
Vt si vales, bene est;
Ego quidem valeo* (*Ibidem*: 63 r.).

Explicita que, muitas vezes, na primeira e segunda pessoas, elide-se o nominativo, mas este entende-se tacitamente pelo verbo (*Ibidem*: 63 v.). Também admite a elipse de “gentes” ou “homines” nos verbos da terceira pessoa do singular, como “dicunt” ou “ferunt” a introduzir orações infinitivas (*Ibidem*: 63 v.), aproximando-se das teses do seu primo salmantino.

Na *Sintaxe Transitiva* começa por explicar o genitivo de posse (*Ibidem*: 65 r.) e a regência de certos substantivos e adjectivos. Assim, por exemplo, muitos substantivos e adjectivos de louvor / vitupério regem genitivo ou ablativo, com ou sem preposições (*Ibidem*: 66 r.); os

que significam favor ou dano regem dativo (*Ibidem*: 67 r.); o comparativo faz-se com o ablativo (*Ibidem*: 68 v.). Nesta “sintaxe” também analisa a regência verbal, como, por exemplo, os verbos que se constroem com genitivo (*Ibidem*: 69 r.), dativo (*Ibidem*: 70 r.), ablativo (*Ibidem*: 72 r.), dedicando uma maior atenção aos verbos transitivos (“Activos”).

Assim, como regra geral, Pedro Sánchez refere que todo o “verbo activo, que significa acção, de qualquer terminação que seja rege depois de si accusativo” (*Ibidem*: 73 r.). No entanto, para além do acusativo, esse verbo pode também reger genitivo – verbos de acusar, absolver, condenar – (*Ibidem*: 73 v.), dativo – verbos que significam dar, declarar, prometer – (*Ibidem*: 75 r.), segundo acusativo – “moneo”, “doceo”, “interrogo” – (*Ibidem*: 75 v.), ablativo – verbos que significam vestir, despir, ornar, cingir, encher, carregar, livrar – (*Ibidem*: 76 r.), dativo ou ablativo – “induo”, “dono”, “impertio”, “spargo” – (*Ibidem*: 77 r.). Por último, na construção passiva, a que dedica apenas uma página, refere o agente em ablativo com a preposição *a* ou *ab*, apresentando também outras regências específicas, como o verbo “fio”, por exemplo, que, segundo Sánchez, se podia construir com dativo ou ablativo com a preposição *de* (*Ibidem*: 77 v.).

Ainda na “da Syntaxi das oyto partes”, apresenta um capítulo intitulado “varia constructio”, em que apresenta a construção dos complementos de lugar – onde (*ubi?*) (*Ibidem*: 78 r.), para onde (*quo?*), donde (*unde?*) e por onde (*qua?*) (*Ibidem*: 78 v.) –, do ablativo absoluto (*Ibidem*: 79 r.), de outros complementos de ablativo, como preço e excesso, por exemplo, e outras particularidades estilísticas da língua latina, como a omissão de “esse” nas orações infinitivas, a regência dos gerúndios em *-do* e *-dum* (*Ibidem*: 79 v.), do supino em *-um* (*Ibidem*: 80 r.) e do gerundivo (“participial”) em *-dum* (*Ibidem*: 80 r.).

Pedro Sánchez não define nem explica o que entende por construção figurada, mas, nesse capítulo que encerra a *sintaxe*, explicita sete figuras como a enálage, elipse, zeugma, silepse, prolepse, arcaísmo e helenismo, sem concluir se o seu uso era um erro gramatical ou, estilística ou linguisticamente, imprescindível ao discurso.

Com efeito, para Pedro Sánchez,

Ennalage, he hũa figura quando alguma parte da oração se põe por outra (...). Fazse tambem esta figura pellos attributos das partes da oração: Per casos (...). Per numeros (...). Per modos (...). Per tẽpos.

Eclipsis he quãdo de fora se ha de buscar, & supplir o que na oraçam falta (...).

Zeugma, he quando aquillo que na oração se toma do lugar mais chegado, fazendo o mesmo genero, numero, & caso, & os mais attributos (...).

Syllepsis, he quando aquillo que na oraçam falta se toma de mais perto, mudado o genero, ou numero, ou caso, ou algum dos mais attributos (...).

Prolepsis, he quando algũa dicção que significa o todo fica detras, a qual outra vez se entende nas partes sem se declarar (...).

Archaismos, he hũa construyçam de que antiguamente se usava (...).

Hellenismos, he hũa cõstruyçam que guarda a regra dos Gregos, & não dos Latinos (*Ibidem*: 84 r.).

3.2.3. A Prosódia

No “último” livro da *Arte de Grammatica*, Pedro Sánchez analisa a Prosódia latina, que intitula “de quantitate syllabarum”. Aí começa por definir a sílaba, referindo que

Syllaba consta de letras;
Estas, ou sam consonantes,
Ou tam somente vogais;
Que em numero seram seis;
A, E, I, O, U, & Y.
Das quais nacẽ seis diphtõgos,
AE, AV, EI, EV,
OE, Yi: Vt Praemium
Aurum, Hei, Europa, Poena,
*Yi será Grego: vt Harpyia. (*Ibidem*: 84 v.).*

As consoantes, “ou seram / Mudadas, ou semivocales: / Oyto mudadas contaram (...). / Semivocales sam sette (...); / Liquidas sam quatro destas” (*Ibidem*: 84 v.-85 r.). Quanto ao “h”, refere Sánchez haver dúvida se “he letra (...) ou nota de aspiração” (*Ibidem*: 85 r.).

Para Pedro Sánchez, as sílabas latinas podem ser longas, breves ou comuns.

A syllaba breve consta de hum tempo: *ut at, sed*. A longa cõsta de dous: *ut Ah, En*. A commua pode ser, ou breve, ou longa no verso: como sam as primeiras em *Atlas, Cyclops*; & as meas em *Tenebras, Volucris* (*Ibidem*: 85 v. - 86 r.).

E analisa os contextos linguísticos em que podem ocorrer umas ou outras. Assim, por exemplo,

*Toda a vogal que estiver
Antes d'outra nos Latinos,
serà breve: velut Puer* (*Ibidem*: 86 r.);

*Qualquer vogal que estiver
Ante duas consonantes,
Ou dobrada hũa sòmente
Sempre longa deve ser* (*Ibidem*: 86 v.);

*Vogal breve antes da muda,
E liquida he duvidosa
No verso, mas breve em prosa* (*Ibidem*: 87 r.);

*O composto assi tambem
Tem do simple a qualidade
Na longura, ou brevidade;
Inda que algũs a nam tem* (*Ibidem*: 89 r.);

*A ultima que tiver
O caso Nominativo,
Incremento ha de ser,
Se crecer no Genitivo* (*Ibidem*: 91 v.);

*A derradeira vogal
Que dà a segunda pessoa,
No numero singular
Do presente Indicativo
He o incremento verbal* (*Ibidem*: 94 v. - 95 r.).

Expostas as regras da quantidade das sílabas, na sua perspectiva, mais importantes, Pedro Sánchez apresenta as ocorrências versificatórias mais frequentes da língua latina. E,

por serem mais ordinarios os versos Hexametros, & Pentametros entre os Poetas Latinos, & por não me estender mais nesta ultima parte, não tratarey mais ã destes dous generos de verso (*Ibidem*: 100 r.).

Deste modo, para Pedro Sánchez, os versos constam de pés – com os quais se medem aqueles – e estes de sílabas. É a esta composição (organizada) de sílabas longas e breves que se constituem os pés. Pedro Sánchez só apresenta os pés dáctilos (˘ ˘ ˘) e espondeus (ˉ ˉ), porque “o verso Hexametros, & Pentametro, medese com dous pès, que sam Dactylo, & Spondeu” (*Ibidem*). O verso hexâmetro consta de seis pés, “dos quais o quinto he Dactylo, & o sexto Spõdeu” (*Ibidem*: 100 v.), mas “algũas vezes o pè quinto he Spondeu (dõde o verso se chama Spondayco)” (*Ibidem*).

O verso pentâmetro tem cinco pés,

dos quais os dous primeiros sam Dactylos, Ou Spondeus, como cada hum quer, ajuntandolhe mais hũa syllaba longa que se chama *cesura*, ou meyo pè: & os pès do cabo, sempre seram Dactylos; aos quais também se lhe ajũta outro meyo pè; pera que de dous meyos se faça o pè quinto (*Ibidem*).

Por último, Pedro Sánchez apresenta algumas figuras sintáctico-fonéticas que aparecem na poesia latina, a que actualmente alguns gramáticos preferem chamar licenças poéticas. O beneficiado de Óbidos analisou sucintamente a sinalefa, a eclipse, a sinérese e a diérese. Com efeito, para Pedro Sánchez, “todas as vezes que no verso se acaba hũa dicção em vogal, & logo outra começa por vogal, a primeira se come, & chamase esta figura *Synalaephe*” (*Ibidem*: 101 r.). Se, por outro lado, a palavra acabar em -m, “cõ vogal antes, & logo se segue vogal, comese o M com sua vogal, & chamase esta figura *Ecthlipsis*” (*Ibidem*). No entanto, a “*Synaeresis*, ajunta duas vogais” (*Ibidem*) e a “*Diaeresis*, de hũa syllaba faz duas” (*Ibidem*).

4. Pedro Sánchez: uma transição falhada à sombra da reforma de Antonio Velez¹⁴

Estudos anteriores realçaram o avanço metodológico propiciado pela *Arte de Grammatica*, de Pedro Sánchez, que se podem resumir às

¹⁴ Tradução e adaptação de: PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006^a): “De pasiones gramaticales: en torno a las *Obieções contra esta Grammatica, & respostas a ellas* de Amaro de Roboredo”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3: 63-67.

seguintes características principais: uso da língua portuguesa, simplicidade e redução das regras gramaticais e facilidade de memorização. Com efeito, tais aspectos – cujo objectivo se centra em melhorar e favorecer a aprendizagem da língua latina, distanciam a *Arte* de Pedro Sánchez da edição de António Velez, aproximando-a sintomaticamente, no que se refere à renovação da fundamentação didáctica, aos *De institutione grammatica libri quinque* do P.^e Luís de la Cerda. Somente em questões de índole metodológica? É certo que Sánchez afirma explicitamente ter-se baseado na gramática de Álvares:

Em quasi toda a *Arte* sigo ao Padre Manuel Alvarez, por me parecer boa ordẽ a da sua, ajudandome tambẽ do novo acrecentamento. De modo, q̃ quando menos, pode servir esta de Cartapacio das margẽs, que se costumã dar em lingoagem, pera declaração das regras em Latim (*Ibidem*: 6 r.).

Contudo, não é menos certo de que o autor, de seguida, alude a uma obra – sem citar o título, ainda que com quase toda a probabilidade se trate da *Arte para en breve saber latin* (Salamanca 1595) – do seu parente Francisco Sánchez de las Brozas – portanto, um texto doutrinalmente afastado de Álvares:

Cum animadverterem ligatam orationem eamque sermone patrio puerorum ingeniis magis arridere et memoriae conducere, in eam protinus incubui curam, ut, quoad eius fieri posset pro ingenioli nostri captu, ad aliquod metri genus confugerem. Non me latet viros aliquos doctissimos hanc instituisse viam, quorum tamen uulgares institutiones nullas adhuc ipse vidi, si unas tantum excipiam Francisci Sanctii Brocensis, consanguinei mei, quem sibi Tormiades nymphae lachrymantur ademptum. Is enim ultima fere ingenii sui factura breves quasdam grammaticae regulas Hispano carmine elaboratas in vulgus edidit, quas mihi impraesentiarum imitandas proposui: ut quemadmodum ille iuventuti Hispanae prodesse studuit, sic et ego prodessem Lusitanae, etsi non ea eruditione ingeniiue dexteritate¹⁵ (*Ibidem*: 3 v.-4 r.).

¹⁵ Tradução: “Observando que a composição em verso – e concretamente no idioma pátrio – potenciava a capacidade intelectual dos meninos, de imediato me apliquei a tal trabalho, com o objectivo de, até onde pudesse concretizar-se por obra do nosso ténue talento, recorrer a algum tipo de medida. Não se me oculta que certos varões doutíssimos tenham iniciado este caminho; contudo, até agora não vi deles nenhum manual em vernáculo, com excepção de um de Francisco Sánchez de las Brozas, meu parente, cuja partida choram as ninfas tormíades. É que quase na última ocupação do seu engenho

Desta passagem, pode concluir-se, de facto, que Pedro Sánchez se inspira no opúsculo gramatical do Brocense para os aspectos de índole puramente metodológica. Ora, com a *Arte de Grammatica* assiste-se, na verdade, a propósito de questões linguísticas concretas, à introdução, pela primeira vez na historiografia gramatical portuguesa¹⁶, da doutrina sanchista (PONCE DE LEÓN 2002: 499-507). Interessa, a nosso ver, antes de mais, analisar o grau de divergência teórica entre a *Arte de Grammatica* de Pedro Sánchez e a *editio uellesiana*. A este respeito, considere-se a confrontação apresentada no seguinte quadro:

<p><i>Emanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres (Manuel Álvares 1599)</i></p>	<p><i>Arte de Grammatica, pera em breve saber Latim (Pedro Sánchez 1610)</i></p>
<p>i) Quanvis oratores libentius substantiva cum adiectivis copulent ut <i>Vir summa eloquentia, eximia virtute, excellenti ingenio</i>, tamen non raro ipsis adiectivis ablativum laudis aut vituperationis attribuunt (417).</p>	<p>i) Muytos adjectivos de louuor, ou vituperio podem tambem ter ablativo. Mas debaixo do adjectivo se entende o substantivo, & hũa preposiçam tacita, <i>In, vel A</i>, donde se rége: <i>Vt Integer pudore: Asper ingenio: Inclytus armis, vir</i> (66 r.).</p>
<p>Adiectiva diversitatis et numeralia ordinis ablativum cum praepositione <i>a</i> uel <i>ab</i> admittunt (411).</p>	<p>Algũs destes nomes tambem regem Ablativo com preposiçam <i>A, vel Ab</i>: como sam: <i>Extorris, Alienus, Immunis, Exul, Integer, Liber</i>, ou por melhor dizer, todos elles, ou quasi a podem ter, como a tem outros muitos, mas callase as mais vezes (68 r.).</p>
<p>Comparativo utimur cum ablativo quando vel plura diversi generis comparantur [...], vel cum duo eiusdem aut diversi generis conferuntur (433).</p>	<p>Vsamos de comparatiuo com Ablativo, quando se comparam muitas cousas de diverso genero: <i>Vt Luce sunt clariora nobis tua consilia</i>. Ou quando se comparam duas cousas do mesmo, ou diverso genero. <i>Cic. Octa. Quae non posterior dies acerbior priore populo Romano illuxit?</i> O mesmo caso rege</p>

deu à luz umas regras gramaticais compostas em verso castelhano, que me propus imitar nas presentes circunstâncias: do mesmo modo que ele se esforçou por ser útil à juventude espanhola, assim também eu o seria à portuguesa, ainda que não com tal erudição ou habilidade de engenho”.

¹⁶ Se se aceitar a inclusão, entre os textos metagramaticais latino-portugueses, da *In librum quartum Antonii Nebrissensis de constructione decem partium orationis lucidissima explanatio* (Lisboa 1565) do humanista galego Álvaro de Cadaval, dever-se-ia antecipar várias décadas a recepção das ideias sanchistas em Portugal (PONCE DE LEÓN 2006^c).

	<p>o Positivo com este adverbio <i>Magis: ut, Quid magis est durum saxo?</i> porque tem força de comparatiuo. Verdade seja que se supple a preposiçam, <i>Prae</i> (69 r.).</p>
<p>ii) <i>Interest tamen et refert</i> ablativos <i>mea, tua, sua, nostra, vestra</i> sibi vendicarunt; quibus ablativis addi possunt genitivi <i>unius, solius, ipsius</i> caeterique qui possessivis adduntur (566).</p>	<p>ii) Podem [<i>interest, refert</i>] sòmente tomar Estes cinco Accusativos Da terminação neutral, <i>Mea, Tua, Nostra, Vestra, Sua</i>, em numero plural: <i>Hoc interest mea, & tua.</i> Os quais pera o verbo <i>Sum</i>, Se acabam todos em <i>Vm</i>: <i>Vt Iocari non est meum.</i></p> <p><i>Mea, Tua, Nostra, &c.</i> sam Accusativos neutrays, que regem <i>Interest, & Refert, &</i> entenderseham os substantivos, <i>Officia, vel Negotia: vt Hoc est inter mea negotia, vel officia. Hoc refert tua, id est, Repraesentat tua negotia, vel officia.</i> O verbo <i>Sum</i> em lugar de <i>Mea, Tua, Sua, &c.</i> tem <i>Meum, tuum, suum, &c.</i> <i>Vt Puto esse meum (supple officium) quid sentiam exponere</i> (69 v.).</p>
<p>iii) Verborum ablativum exigentium, quae ediscenda proponuntur et quorundam aliorum quod ea non facile occurrant, exempla subiiciam. Inter quae nonnulla, quae ad ablativum causae referri possent, consulto immiscentur, propterea quod non omnes ita philosophiae praecepta callent, ut rerum causas possint in verborum constructione speculari (459-460).</p>	<p>iii) Estes sam os verbos que mais ordinariamente regem Ablativo. Nos demais se rege da preposiçam tacita, como fica ditto: & ainda em quasi todos estes (72 v.-73 r.).</p>
<p>iv) Quaedam accusandi geminum sibi sumere casum. Verba queunt <i>moneo, doceo</i> cum prole: <i>reposco</i> <i>Flagito, posco, rogo</i>: quibus adde <i>interrogo, celo.</i> <i>Moneo, doceo</i> cum compositis, item <i>flagito, posco, reposco, rogo, interrogo, celo</i>, duos accusandi casus admittunt (496).</p>	<p>iv) <i>Moneo, & Doceo</i>, e os cõpostos, <i>Reposco, Flagito, Posco, Rogo, Interrogo, atque Celo</i>, Regem dous Accusativos: <i>Doceo te grammaticam.</i> [...]</p> <p>Estes verbos nam regem mais que o Accusativo da pessoa, porque o outro regese de hũa preposiçam tacita, q̃ serà <i>Circa, Iuxta, ou Per: vt Doceo te grammaticam: id est, circa grammaticam</i> (75 v.-76 r.).</p>

Deste confronto podem confirmar-se as divergências – pontuais, é verdade, mas não por isso menos concludentes – entre ambos os manuais. No que se refere ao ablativo regido por certos adjectivos ou como segundo termo de comparação (i), o reformador dos *De institutione grammatica libri tres* não se afasta um milímetro da tradição gramatical latina, ao mesmo tempo em que Pedro Sánchez não se limita unicamente a explicar em Português a doutrina alvaresiana: de seguida, matiza-a por meio de comentários de teor logicista. Neste caso concreto, refuta que o ablativo vá regido directamente por tais ablativos, recorrendo ao procedimento – extremamente grato ao Brocense – da elisão – nesses contextos, de uma preposição¹⁷. No que toca à análise dos possessivos *mea, tua, sua, nostra, uestra* como constituintes subcategorizados pelos verbos *interest* ou *refert* (ii), Velez, novamente, segue a doutrina transmitida pelos gramáticos normativistas – a análise daqueles como ablativos – ao mesmo tempo que a *Arte de Grammatica* defende, tanto no preceito como no comentário subsequente, o tratamento de tais possessivos como acusativos¹⁸. Por fim, nos exemplos aduzidos em iii) e em iv), Pedro Sánchez, diferentemente do jesuíta, fiel à gramática sanctiana¹⁹, explica a regência do ablativo e do duplo acusativo através da elipse – não podia ser de outra maneira – da preposição correspondente.

Não restam dúvidas, pois, de que o autor da *Arte de Grammatica* se baseia – ocasionalmente – na gramática racionalista do Brocense. De forma consciente ou não, Pedro Sánchez trata de levar a cabo, tanto no plano metodológico como no doutrinal, o trabalho que poucos anos antes havia empreendido o P.^e Luís de la Cerda a propósito do

¹⁷ Recorde-se, a este respeito, as palavras do Brocense: “Ablativus a praepositione pendet, sed eleganter illa multis modis subticetur [...]: *dignus honore, uacuus curis, uiduus pharetra, frumento copiosus* supple *ab*” (SÁNCHEZ DE LAS BROZAS 1595: 21 v.-22 r.).

¹⁸ Assim também o faz o humanista extremenho. Por exemplo, a propósito de *refert*: “Activum verbum est, quod actionem significat [...]. Semper et necessario transit in accusativum: ut [...] *hoc refert mea negotia*, id est, *repraesentat*” (*Ibidem*: 23 r.). No que se refere à construção sintáctica de *interest* (*Idem* 1995: 354-356).

¹⁹ «Duos diuersos accusatiuos uerbum regere non potest, nam in illis *doceo te artes, posco te pacem* [...], graeco more deest katà, id est, *iuxta* uel *secundum*» (*Minerua*, 142). Sobre la imposibilidad de que el ablativo sea regido por el verbo, cf. *supra*, n.º 29.

António Reformado, se bem que com sorte desigual: a *Arte* de Pedro Sánchez teve de se confrontar tão só com a *editio princeps*, sem dúvida em razão dos receios que despertava um manual que registava certas diferenças teóricas com o original que explicava em vernáculo.

5. Conclusão

Em síntese, Pedro Sánchez foi o primeiro a utilizar o Português como metalíngua não só do Português mas também do Latim e um pioneiro na didáctica das línguas, especialmente por utilizar metodologias mais voltadas para as necessidades e especificidades dos estudantes. Os docentes tinham as gramáticas quer de Manuel Álvares, que era usada em todos os colégios da Companhia de Jesus, quer a do seu parente Francisco Sánchez de las Brozas, as suas fontes principais.

O uso da língua portuguesa como metalíngua, a simplicidade expositiva, apresentação abreviada das regras gramaticais e facilidade de memorização vão ser fundamentais na descrição gramaticográfica portuguesa subsequente, em especial nas obras de Amaro de Robredo e dos comentadores de Álvares, como Bartolomeu Rodrigues Chorro, João Nunes Freire, José Soares e António Franco. Este aspecto e o facto de o autor ter introduzido – ainda que de forma ocasional – doutrina sanctiana alheia ao manual alvaresiano tornam a *Arte de Grammatica, pera em breve saber Latim* uma obra peculiar no domínio da história da gramática latino-portuguesa.

Referências Bibliográficas

- ÁLVARES, Manuel (1572): *De Institutione Grammatica libri tres*. Lisboa: João Barreira.
- ÁLVARES, Manuel (1599): *Emanuelis Aluari e Societate Iesu de institutione grammatica libri tres, Antonii Vellesii ex eadem Societate Iesu in Eborensi Academia praefecti studiorum opera aucti et illustrati*. Évora: Manuel de Lyra.
- ASÍS Y GONZÁLEZ, Eugenio Agustín de (1935): “Nebrija y la crítica contemporánea de su obra”. In: *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo*, XVII: 30-45.
- ASSUNÇÃO, Carlos e FERNANDES, Gonçalo (2007): “Amaro de Roboredo, gramático e pedagogo português seiscentista, pioneiro na didáctica das línguas e nos estudos linguísticos”. In: ROBOREDO, Amaro de: *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coleção “Linguística”, 1: XI-CII.
- FERNANDES, Gonçalo (2002^a): *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*. Dissertação de Doutoramento. Vila Real: Edição do Autor, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- FERNANDES, Gonçalo (2002^b): “A primeira gramática latina escrita em Português”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 6, Fasc. 1-2. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga: 481-495.
- FERNANDES, Gonçalo (2004): “A edição *Princeps* da *Minerva* (León 1562) de Sánchez, o Brocense”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. 8, Fasc. 1-2. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga: 251-265.
- FERNANDES, Gonçalo (2005): “A *Arte de Grammatica* (1610) de Pedro Sánchez”. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 44. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra: 137-145.
- FERNANDES, Gonçalo (2006): “A *Minerva seu de Causis Linguae Latinae* (Salamanca, 1587), de Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) – I”. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 46. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, 133-144.

- FERNANDES, Gonçalo (2007^a): “A *Minerva seu de Causis Linguae Latinae* (Salamanca, 1587), de Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) – II”. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 47. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra: 99-108.
- FERNANDES, Gonçalo (2007^b): “A *Minerva seu de Causis Linguae Latinae* (Salamanca, 1587), de Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600) – III”. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 48. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra: 119-125.
- FERNANDES, Gonçalo (2007^c): “*De Institutione Grammatica Libri Tres* (1572) de Manuel Álvares (1526-1583)”. In: *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro: 85-99.
- FERNANDES, Gonçalo, PONCE DE LEÓN, Rogelio e ASSUNÇÃO, Carlos (2007): “A *Verdadeira Grammatica Latina* de Amaro de Roboredo”. In: ROBOREDO, Amaro de: *Verdadeira grammatica latina, para se bem saber em breve tempo, scritta na lingua Portuguesa com exemplos na Latina*. Edição facsimilada. Prefácio de Amadeu Torres e Estudo Introdutório de Gonçalo Fernandes, Rogelio Ponce de León e Carlos Assunção. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coleção “Linguística”, 2: XI-XL.
- FONSECA, Maria do Céu (2006): *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária: Preposições e Posposições no Século XVII*. Lisboa: Edições Colibri, Coleção “Estudos e Ensaios”, 1.
- GIL FERNÁNDEZ, Luis (1972): *Panorama social del humanismo español (1500-1800)*. Madrid: Tecnos.
- GÓMEZ GÓMEZ, Juan María (2006): “Más diferencias entre la reforma de las *Introductiones* de Nebrija de 1598 y la del Padre De la Cerda”. In: *IV Congreso Internacional de Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico* (no prelo).
- IKEN, Sebastião (2002): “*Index totius artis* (1599-1755): algumas reflexões sobre o índice lexicográfico latino-português da gramática de Manuel Álvares elaborado por António Velez”. In: *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas* (eds. Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Priess y Axel Schönberger). Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea: 53-83.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1752): *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica. Na Qual se Comprehende a Noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuseraõ desde o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até ao tempo prezente*. Tomo III. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues.
- MARTINS, Francisco (1597): *Grammaticae artis integra institutio*: Salamanca: Juan Fernández.

- OLMEDO, Félix G. (1942): *Nebrija (1441-1522). Debelador de la barbarie. Comentador eclesiástico. Pedagogo. Poeta*. Madrid: Editora Nacional.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (1996): “La pedagogia del Latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos”. In: *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, n.º 10. Madrid: Universidade Complutense de Madrid: 217-228.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2001): “En Álvarez en Vernáculo: Las Exégesis de los *De Institutione Grammatica Libri Tres* en Portugal durante el Siglo XVII”. In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*. Porto: II Série, Vol. XVIII: 317-338.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2002): “O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do Século XVII”. In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série “Línguas e Literaturas”*, 19: 491-520.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2003): “La difusión de las artes gramaticales latino-portuguesas en España (siglos XVI-XVII)”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 0: 119-145.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2004): “*In grammaticos*: en torno a las ideas lingüísticas de Francisco Martins (†1596)”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1: 215-234.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006^a): “De pasiones gramaticales: en torno a las *Obieções contra esta Grammatica, & repostas a ellas* de Amaro de Roboredo”. In: *Península. Revista de Estudos Ibéricos*. Porto: Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3: 61-99.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006^b): “A gramática na ortografia: o caso da *Ortografia da lingua portuguesa* (Lisboa 1671) de João Franco Barreto”. In: *Lusorama. Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa*, Vol. 65-66: 47-63.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006^c): “Consideraciones sobre las ideas sintácticas de Álvaro de Cadaval (cc. 1505-1575) en el marco de la teoría gramatical renacentista”. In: *Caminos Actuales de la Historiografía Lingüística: Actas V Congreso SEHL* (7-11 noviembre 2005), Tomo II. Universidade de Múrcia: 1257-1269.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio (2006^d): “Un capítulo de la historia de las ideas sintácticas en Portugal: en torno a la teoría sintáctica del *Ars grammatica pro lingua lusitana addiscenda* (Lyon, 1672) de Bento Pereira (S.I.)”. In: *Forma y Función*, Vol. 19: 11-30.
- RAMAJO CAÑO, Antonio (1991): “La huella del Brocense en el «Arte» del P. La Cerda (1560-1643)”. In: *Revista Española de Lingüística*, 21: 301-321.

- RAMALHO, Américo da Costa (1980): *Estudos sobre o Século XVI*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Col. “Humanismo Clássico e Humanismo Moderno”, n.º 1.
- ROBOREDO, Amaro de (2007 [1615]): *Verdadeira grammatica latina, para se bem saber em breve tempo, scritta na lingua Portuguesa com exemplos na Latina*. Edição facsimilada. Prefácio de Amadeu Torres e Estudo Introdutório de Gonçalo Fernandes, Rogelio Ponce de León e Carlos Assunção. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Colecção “Linguística”, 2.
- ROBOREDO, Amaro de (2007 [1619]): *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Edição facsimilada. Prefácio e Estudo Introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Colecção “Linguística”, 1.
- RODRÍGUEZ ANICETO, Cipriano (1931): “Reforma del arte de Antonio de Lebrija”. In: *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo. Número extraordinario en Homenaje a D. Miguel Artigas*: 226-245.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1562): *Minerva seu de Latinae linguae causis et elegantia*. Lugduni.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1587): *Minerva seu de causis linguae Latinae*. Salmanticae: Ioannem et Andream Renaut, Fratres.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1595): *Verae breuesque grammatices latinae institutiones*. Salamanca: Juan Fernando.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1981): *Minerva (1562) o de los fundamentos y elegancia de la lengua latina*. Introdução e tradução de Eduardo del Estal Fuentes. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, Acta Salmanticensia, Col. “Filosofia y Letras”, n.º 132.
- SÁNCHEZ DE LAS BROZAS, Francisco (1995): *Minerva o de causis linguae Latinae*. Libri I, III, IV (Introducción y edición Eustaquio Sánchez Salor), Liber II (edición C. Caparro Gómez). Cáceres: Institución Cultural “El Brocense”, Universidad de Extremadura.
- SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio (1995): “Introducción”. In: BROZAS, Francisco Sánchez de las, *Minerva o de causis linguae latinae*. Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, e Institución Cultural “El Brocense”.
- SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio (2002^a): “La reforma del Arte de Nebrija”: In: *Humanismo y pervivencia del mundo clásico. Homenaje al profesor Antonio Fontán* (eds. Jose María Maestre Maestre, Joaquín Pascual Barea y Luis Charlo Brea), Vol. II: Alcañiz: Instituto de Estudios Humanísticos; Madrid: Ediciones del Laberinto

/ Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Cádiz: Universidad, Servicio de Publicaciones; Cáceres: Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones; Zaragoza: Universidad, Servicio de Publicaciones; Teruel: Instituto de Estudios Turolenses: 469-497.

SÁNCHEZ SALOR, Eustaquio (2002^b): *De las “elegancias” a las “causas” de la lengua: retórica y gramática del humanismo* (Colección de Textos y Estudios Humanísticos “Palmyrenus”. Serie Estudios I). Alcañiz: Instituto de Estudios Humanísticos; Madrid: Ediciones del Laberinto / Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Cádiz: Universidad, Servicio de Publicaciones. Zaragoza: Universidad, Servicio de Publicaciones; Teruel: Instituto de Estudios Turolenses.

SÁNCHEZ, Pedro (1610): *Arte de Grammatica, pera em breve saber Latim: composta em lingoagem, e verso Portugues. Com hum breve vocabulario no cabo, e algũas phrases latinas*. Lisboa: Officina de Vicente Álvares [ADL: D3-1-V1; BPE: R. 485 L. (8 L. Est. 36. Cx. 1)].

TORRES, Amadeu (1984): “Humanismo Inaciano e artes de gramática, Manuel Álvares entre «ratio» e o «usus»”. In: *Bracara Augusta*, 38, n.º 85-86 (98-99). Braga: 173-189.

TORRES, Amadeu (1998): *Gramática e Linguística: Ensaio e Outros Estudos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia/Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Linguísticos.

ROGELIO PONCE DE LEÓN

CARLOS ASSUNÇÃO

GONÇALO FERNANDES